



ANALISE CRÍTICA DA DIVISÃO DE BRINCADEIRAS DE MENINOS E MENINAS: uma reflexão sobre gênero e infância.

Neylla Mickaella Mendes EVERTON.
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. E-mail: everton.neyla@discente.ufma.br

Geynna Valéria Viana FRANÇA. UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO. E-mail: geynna.valeria@discente.ufma.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar criticamente a divisão das brincadeiras entre meninos e meninas, investigando como as construções sociais de gênero interferem no repertório lúdico infantil e no processo educativo. Historicamente, a infância tem sido marcada por práticas que reforçam estereótipos, como a associação de jogos de bola, carrinhos e aventuras ao universo masculino, e bonecas, panelinhas e atividades domésticas ao feminino. Essa separação, muitas vezes naturalizada no ambiente familiar e escolar, contribui para a reprodução de desigualdades de gênero desde os primeiros anos de vida.

Segundo Louro (1997, p. 25), “as identidades de gênero não são naturais, mas produzidas nas práticas sociais, culturais e institucionais”. Assim, compreender a divisão de brincadeiras implica reconhecer que o brincar é atravessado por valores, normas e expectativas que moldam as experiências infantis. Para Vygotsky (1987), o brincar é um espaço de criação e aprendizagem, o que reforça a importância de problematizar como os papéis de gênero podem limitar ou expandir as possibilidades de desenvolvimento da criança.

Dessa forma, refletir sobre a divisão das brincadeiras entre meninos e meninas é fundamental para promover práticas pedagógicas mais inclusivas, capazes de valorizar a diversidade de interesses, experiências e formas de expressão infantil.

O objetivo geral deste trabalho é analisar como a divisão de brincadeiras entre meninos e meninas contribui para a construção de estereótipos de gênero na infância. Os objetivos específicos são: identificar práticas que reforçam a separação lúdica entre meninos e meninas; compreender os impactos dessa divisão no desenvolvimento infantil; e propor reflexões pedagógicas que incentivem o brincar livre de estereótipos. A problemática que norteia este estudo é: como a divisão de brincadeiras entre meninos e meninas influencia a formação de identidades de gênero e de que maneira pode ser ressignificada no contexto educacional?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida em instituições de Educação Infantil de São Luís – MA, por meio da observação participante e do registro em diário de bordo durante estágios e vivências pedagógicas. Buscou-se identificar de que forma a organização



dos espaços, a mediação dos adultos e as interações entre pares reforçavam ou flexibilizavam as fronteiras entre as brincadeiras de meninos e meninas.

Trata-se de uma investigação qualitativa, fundamentada no método comparativo, que possibilitou analisar situações de diferentes contextos escolares. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a abordagem qualitativa permite compreender significados e interpretações atribuídos pelos sujeitos, aspecto essencial para captar as nuances do brincar atravessado pelas questões de gênero.

Além da observação, foram realizadas análises de materiais pedagógicos e brinquedos disponíveis nas instituições, a fim de verificar como a organização do ambiente escolar reforça ou questiona estereótipos de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações evidenciaram que, em muitas situações, a divisão entre “brincadeiras de meninos” e “brincadeiras de meninas” ainda é reproduzida tanto pelas próprias crianças quanto pelos adultos. Jogos de bola, super-heróis e corridas foram mais associados aos meninos, enquanto as meninas tenderam a ser direcionadas para brincadeiras com bonecas, casinhas e atividades ligadas ao cuidado.

Contudo, notou-se que quando os ambientes eram organizados de forma a favorecer o acesso livre aos brinquedos, sem reforço de estereótipos por parte dos educadores, as crianças transitavam entre diferentes atividades, rompendo a lógica da separação de gênero. Esse dado confirma que a divisão não é natural, mas socialmente construída e constantemente ressignificada.

Para Scott (1995, p. 86), “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”. Assim, ao restringir o brincar, limita-se também a construção das identidades infantis, afetando a forma como meninos e meninas percebem suas potencialidades. Ao contrário, quando há incentivo à liberdade lúdica, ampliam-se as possibilidades de socialização, criatividade e aprendizagem.

A análise reforça a necessidade de uma prática pedagógica consciente, que promova igualdade de oportunidades e valorize a pluralidade de experiências infantis, superando a lógica binária que divide o brincar.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa permitiu constatar que a divisão de brincadeiras entre meninos e meninas reflete construções sociais de gênero que, muitas vezes, limitam o desenvolvimento integral da criança. Essa separação, embora ainda recorrente, não é natural, mas resultado de expectativas sociais e práticas culturais transmitidas no ambiente familiar, escolar e midiático.

Ao mesmo tempo, verificou-se que o brincar pode ser um espaço de resistência e transformação, especialmente quando educadores e instituições incentivam a livre escolha, possibilitando que crianças experimentem diversas formas de interação sem restrições de gênero.



IV WORKSHOP DO GEPEID

BRINCADEIRAS & DIVERSIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ABORDAGENS MULTIDISCIPLINARES EM DIVERSOS CONTEXTOS

Dessa forma, cabe à Educação Infantil assumir papel ativo na desconstrução de estereótipos, garantindo ambientes que respeitem as diferenças, ampliem as experiências lúdicas e promovam a igualdade de gênero desde a infância. Ao superar a divisão de brincadeiras, contribui-se para a formação de sujeitos mais autônomos, críticos e inclusivos.

Palavras-chave: Brincadeira. Gênero. Infância. Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KISHIMOTO, T. M. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2010.



REALIZAÇÃO



APOIO

